

MAIO / 97

REUNA

Revista de Economia da UNA

EDIÇÃO ESPECIAL
Alguns dos III Encontros das Américas
Portuguese-English-Spanish

ALCA
A Realidade da Integração Continental

TRANSPORTES
A Questão dos Transportes na ALCA

MERCOSUL VERSUS ALCA
Os Caminhos da Integração

33(05)

Título: REUNA : Revista de Economia da
UNA.



100977
68944

n.4 maio 1997 UNA BR

EDITORIAL

Nesta fase atual da história mundial de globalização e integração econômica e política entre as nações, particularmente “blocos”, dois fatores moldaram a história humana. Um deles foi o desenvolvimento das ciências naturais e da tecnologia, sem dúvida a mais bem-sucedida realização de nosso tempo.

O outro, com certeza, notabilizou-se pela violência dos conflitos entre projetos concorrentes para estruturar o mundo. Quatro projetos predominaram: o liberalismo, a social-democracia, o comunismo e o fascismo. Com o desaparecimento dos dois últimos, restaram os dois mais antigos. Neste contexto, as estratégias nacionais no âmbito mundial se submetem à lógica das transformações nas estruturas econômicas, políticas e tecnológicas.

O projeto da social-democracia ficou restrito à correção das injustiças geradas pelo capitalismo, uma vez que os mercados livres não possuem regras suficientes para isto. Mesmo sabendo que foi sob sua influência que o capitalismo europeu desenvolveu uma forma social significativamente diferente do capitalismo puro ou irrestrito, a social-democracia não conseguiu imprimir sua marca neste modelo. Talvez por isto, Francis Fukuyama falou em “O Fim da História”; a implosão do comunismo significou para ele o triunfo do liberalismo. Não encontrado um projeto realmente alternativo, dotado de força suficiente para reestruturar as organizações mundiais, ele considerou definitiva a vitória do liberalismo, ou, como preferem outros, do capitalismo anglo-saxão.

O traço marcante de evolução da atividade econômica nos últimos 20 anos é a sua mundialização ou sua globalização. Como esta

palavra tornou-se mítica, suscitando críticas às vezes apaixonadas, vale a pena lembrar os fenômenos que ela abrange.

A globalização se relaciona à intensificação das trocas comerciais e dos fluxos financeiros. Isto se deveu à liberalização do comércio mundial



JOÃO GOMES FILHO,
 Professor de História Econômica e Diretor da FCG/UNA.

e dos mercados de capitais, à criação de grandes blocos econômicos e ao rápido desenvolvimento das economias emergentes, notadamente na Ásia. Além do aumento de investimentos estrangeiros diretos, observa-se que os mercados financeiros se globalizam a uma velocidade maior que os mercados de bens e de serviços. Tal fato se deve ao progresso das tecnologias de informação e de comunicação e às inovações financeiras, trazendo um profundo

desequilíbrio entre os circuitos produtivo e financeiro e entre os estoques de ativos reais e monetários.

Além do mais, a concorrência mundial tornou-se acirrada: qualquer empresa em um ponto da economia pode ser “atacada” em seu próprio mercado nacional ou local por uma outra operando em diferente ponto do planeta. Com a revolução dos transportes, com os sistemas de comunicações informatizados e via satélite, o mundo encolheu.

O processo de globalização tornou-se mais evidente a partir dos anos 80, quando se criou um consenso internacional sobre a importância da estabilidade dos preços: a cultura da estabilidade em substituição à cultura inflacionária. Os governos tornaram-se menos inclinados a recorrer à inflação para financiar as demandas políticas, econômicas e sociais. A experiência mostrou que uma política macroeconômica de “deficit spending” a favor do crescimento e do emprego enfrenta problemas, expõe-se a graves retrocessos, quando se negligencia os fatores estruturais que limitam a oferta de bens e serviços. Neste contexto, a estabilidade dos preços tornou-se uma condição necessária para um crescimento econômico durável a médio e longo prazos, em um ambiente de maior competitividade e de maior prevalência das regras dos mercados livres.

Lembremos, porém, que o atual processo de globalização não é um fenômeno excepcional e novo. É uma volta, “mutatis mutandis”, à situação econômica vigente antes da 1ª guerra mundial. Se no período de 1920 a 1970 foi observado um crescimento da intervenção do Estado na economia, nota-se, hoje, que as políticas adotadas na época estão sendo

substituídas por outras que proporcionem melhores resultados para as economias e um maior bem-estar para as sociedades.

Entendo que a globalização da economia, que atende especialmente aos interesses das empresas transnacionais e dos grandes investidores financeiros, acaba pressionando os governos, que de qualquer forma estão inseridos na economia mundial, a estabelecer normas e leis nacionais segundo um ideário de liberalização irrestrita. Não se trata de uma visão determinista, mas a certeza de que o caminho da adaptação é preferível a qualquer tentativa de isolamento. A partir desta constatação, impõe-se uma questão: se os Estados estão perdendo a capacidade de planejar e de coordenar seus próprios processos de desenvolvimento, quem pode substituí-los no novo contexto da mundialização?

Em outras palavras: como é possível compatibilizar e racionalizar a influência do Estado, sem entrar em choque com as forças da globalização? É viável pensar-se um governo supranacional, um governo global? Um governo regional “intrabloco”?

Assim, a análise e avaliação das estratégias de integração econômica e política, tema especial desta edição da Reuna - Revista de Economia da UNA, ou seja, dos condicionantes oportunidades e riscos da contraposição entre multilateralismo e regionalismo, tomam uma dimensão incomum nas discussões iniciais, visando a constituição de uma Área de Livre Comércio das Américas, a ALCA.

Enfim a irreversibilidade da globalização, com seus efeitos simultaneamente integradores e desestruturadores, impõe-nos uma tarefa: como conduzir e orientar esse processo.

EDITORIAL

In this present phase of the world history of globalization and economical and political integration among the nations, especially "blocs", two factors have shaped the human history. One of them has been the development of the natural sciences and technology, no doubt the most well-succeeded realization of our times. The other, certainly, became famous by the violence of the conflicts among competing projects to organize the world. Four projects predominated: the liberalism, the social-democracy, the communism and the fascism. Having the last two disappeared, the former two survived. In this context, the national strategies in the world ambit yield to the logic of the transformations in the economical, political and technological structures.

The project of the social-democracy was confined to the correction of the injustices generated by the capitalism, once the free markets have not had any legislation on the subject. Even aware that it was under its influence that the European capitalism developed a social configuration significantly distinct from the clear or absolute capitalism, the social-democracy was unable to imprint its score in this model. Maybe that is why Francis Fukuyama said in "The End of History", the collapse of the communism meant to him the triumph of the liberalism. Not finding a really alternative project, endowed of enough force to restructure the world organizations, he considered as definitive the victory of the liberalism or in other words, the Anglo-Saxon capitalism.

The marking feature of the evolution of the economical activities in the last 20 years is its world nature or its globalization. As this word

has become mythical, rousing comments sometimes passionate, it is worthwhile recollecting the phenomena it encompass.

The globalization is related to the intensification of the trade exchanges and the financial flows. This was due to the liberation of the world trade and of the capital markets,



JOÃO GOMES FILHO,
Professor of Economic History and Director of the FCG/UNA.

the formation of large economical blocs and to the rapid growth of the emergent economies, remarkably in Asia. Besides the expansion of the direct foreign investments, we notice that the globalization of the financial markets is much faster than the markets of goods and services. This fact is due to the progress of the information and the communication

technologies and to the financial innovations, bringing an intense imbalance among the productive and the financial circuits and among the stocks of real and monetary assets.

Furthermore, the world competition has become tough: any business in a point of the economy can be "attacked" in its own national or regional market by another one operating in a different place in the world. With the evolution of transportation, with the communication systems computerized and via satellite, the world has shrunk.

The globalization process became more evident since the 80s, when an international agreement was created about the importance of the prices stability: the stability culture substituting the inflationary culture. The governments became less inclined to appeal to inflation to finance the political, economic and social demands. The experience showed that a macroeconomic policy of "deficit spending" for the growth and the employment faces problems, it is exposed to serious recession, when we neglect the structural factors which limit the offer of goods and services. In this context, the prices stability has become a necessary condition for the lasting economic growth at medium and long terms, in an atmosphere of greater stability and larger predominance of the free markets regulations.

We should remember, however, that the current process of globalization is not an exceptional and new phenomenon. It is a return "mutatis mutandis" to the economic situation in effect before the 1st world war. If during the period from 1920 to 1970 it was observed a growth of the State intervention in the economy, today we notice that the policies adapted at that time are being substituted by

others that bring better results for the economies and a better well-being for the societies.

I understand that the economy globalization, which takes into consideration mainly the interests of the international business and of the great financial investors, finally presses the governments, which are anyway inserted in the world economy, to establish norms and regulation according to a national project of unrestricted liberalization. It is not a determinist point of view, but the conviction that the way of adaptation is preferred to any attempt of isolation. From this confirmation, there's one question to be asked: if the States are losing their capacity to plan and to coordinate their own developing projects, who can substitute them in the new context of internationalization? In other words: how is it possible to make compatible and to rationalize the influence of the State, without colliding with the forces of globalization? Is it possible to think about an international government, a global market? A regional government intra-blocs?

So, the analysis and the evaluation of the strategies of economical and political integration, the special theme of this edition of Reuna - Review of Economy of UNA, i.e., of the conditioning opportunities and risks of the counter position between the multilateral and the regional groups, takes an uncommon dimension in the preliminary discussions, aiming at the constitution of a Free Trade Area of the Americas, FTAA.

In short, the irreversibility of the globalization, with its effects simultaneously integrated and badly structured, impose a task to us: how to conduct and guide this process.

EDITORIAL

En esta fase actual de la historia mundial de la globalización e integración económica y política entre las naciones, particularmente “bloques”, dos factores moldearon la historia humana. Uno de ellos fue el desarrollo de las ciencias naturales y de la tecnología, sin duda la más triunfante realización de nuestro tiempo.

El otro, seguramente, se distinguió por la violencia de los conflictos entre proyectos competitivos para la estructuración del mundo. Cuatro proyectos predominaron: el liberalismo, la social democracia, el comunismo y el fascismo. Con el desaparecimiento de los dos últimos, restaron los dos más antiguos. En este contexto, las estrategias nacionales en el ámbito mundial se someten a la lógica de las transformaciones en las estructuras económicas, políticas y tecnológicas.

El proyecto de la social democracia quedó restringido a la corrección de las injusticias generadas por el capitalismo, una vez que los mercados libres no poseen reglas suficientes para esto aunque supiera que bajo su influjo el capitalismo europeo desarrolló una forma social significativamente diferente del capitalismo puro o ilimitado, la social democracia no consiguió grabar su marca en este modelo. Tal vez por esto, Francis Fukuyama habló en “El Fin de la Historia”; para él la implosión del comunismo significó el triunfo del liberalismo. Como no se halló un proyecto realmente alternativo, dotado de fuerza suficiente para reestructurar las organizaciones mundiales, él consideró definitiva la victoria del liberalismo, o, como prefieren otros, del capitalismo anglosajón.

El trazo que sobresale de la evolución de la actividad económica en los últimos 20 años es

su *mundialización* o su globalización. Como esta palabra resulta mítica, provocando críticas a veces apasionadas, vale la pena recordar los fenómenos que abarca.

La globalización se relaciona a la intensificación de los cambios comerciales y de los flujos financieros. Esto se debió a la



JOÃO GOMES FILHO,
Prof. de Historia Económica y Director de la FCG/UNA

liberalización del comercio mundial y de los mercados de capitales, a la creación de grandes bloques económicos y al rápido desarrollo de las economías emergentes, notablemente en Asia. Además del aumento de inversiones extranjeras directas, se observa que los mercados financieros se globalizan a una velocidad mayor que los mercados de bienes y servicios. Tal hecho se debe al progreso de

las tecnologías de información y de comunicación y a las innovaciones financieras, lo que trae un profundo desequilibrio entre los circuitos productivo y financiero y entre los *stocks* de activos reales y monetarios.

Además, la competencia mundial resulta contumaz: cualquier empresa en un punto de la economía puede ser "atacada" en su propio mercado nacional o local por una otra operando en diferente punto del planeta. Con la revolución de los transportes, con los sistemas de comunicaciones informatizados y vía satélite, el mundo encogió.

El proceso de globalización se hace todavía más evidente a partir de los años 80, cuando se creó un consenso internacional sobre la importancia de la estabilidad de los precios: la cultura de la estabilidad en sustitución a la cultura inflacionaria. Los gobiernos se vuelve, desde entonces, menos tendentes a valerse de la inflación para sufragar las demandas políticas, económicas y sociales. La experiencia puso de manifiesto que una política macroeconómica de "deficit spending" a favor del crecimiento y del empleo se enfrenta a problemas, se expone a graves retrocesos, cuando se abandonan los factores estructurales que limitan la oferta de bienes y servicios. En este contexto, la estabilidad de los precios es condición necesaria para un crecimiento económico duradero a mediano y largo plazos, en un ambiente de mayor competitividad y de mayor predominio de las reglas de los mercados libres.

Acordémonos, sin embargo, que el actual proceso de globalización no es un fenómeno excepcional y nuevo. Es un retorno, "mutatis mutandis", a la situación económica vigente antes de la 1ª guerra mundial. Si en el periodo de 1920 a 1970 fue observado un crecimiento de la intervención del estado en la economía, se nota, en la actualidad, que las políticas

adoptadas en la época se están sustituyendo por otras que produzcan mejores efectos para las economías y un mayor bienestar para las sociedades.

Opino que la globalización de la economía, que atiende especialmente a los intereses de las empresas transnacionales y de los grandes inversionistas financieros, acaba por presionar los gobiernos, que de todos modos están incluidos en la economía mundial, estableciendo normas y leyes nacionales según un ideario de liberalización ilimitado. No se trata de una visión determinista, sino de la certeza de que el camino de la adaptación es preferible a cualquier tentativa de aislamiento. A partir de esta verificación, se impone una cuestión: si los Estados están perdiendo la capacidad de planear y de coordinar sus propios procesos de desarrollo, ¿quién puede sustituirlos en el nuevo contexto de un mundo globalizado?

En otras palabras: ¿cómo es posible compatibilizar y racionalizar la influencia del Estado, sin chocar con las fuerzas de la globalización? ¿Se puede pensar en un gobierno supranacional, un gobierno global? ¿Un gobierno regional "intrabloques"?

De este modo, el análisis y evaluación de las estrategias de integración económica y política, tema especial de esta edición de la Reuna - Revista de Economía de la UNA, o sea, de los condicionantes, oportunidades y riesgos de la contrapropuesta entre multilateralidad y regionalismo, toman una dimensión in común en las discusiones iniciales, que busca constituir un Área de Libre Comercio de las Américas, el ALCA.

En fin la irreversibilidad de la globalización, con sus efectos simultáneamente integrados y desorganizadores, nos impone una tarea: ¿cómo conducir y orientar ese proceso?

SUMÁRIO

Artigos:

- A Batalha das Barreiras Tarifárias e Não-Tarifárias 09
The Battle of the Tariff and the Non-tariff Barriers 12
La Batalla de las Barreras Arancelarias y no Arancelarias 15
Alfredo Benjamin Martini Neto

- ALCA: A Realidade da Integração Continental 18
FTAA: the Reality of the Continental Integration 21
ALCA: La Realidad de la Integración Continental 23
Carlos Maurício de Carvalho Ferreira

- Quando um Padrão Monetário está Fundamentalmente Correto? 25
When is a Currency Fundamentally Correct? 31
¿Cuándo está Fundamentalmente Correcto un Patrón Monetario? 36
Carsten Detken

- A ALCA e a Geopolítica das Américas 42
The ALCA and the Geo-Politics of the Americas 45
El Alca y la Geopolítica de Las Américas 47
Cláudio de Castro e Silva

- A ALCA à Luz das Novas Relações Internacionais 49
The FTAA According to the New International Relations 53
El ALCA a la Luz de las Nuevas Relaciones Internacionales 57
Elaine Linhares de Assis Guerra

- A Questão dos Transportes no Contexto ALCA 61
The Question of Transportation in the Context FTAA 66
La Cuestión de los Transportes en el Contexto del ALCA 71
Frederico Martini do Espírito Santo

• A Integração como Processo Histórico Construído	76
Integration as a Constructed Historical Process	80
La Integración como Proceso Histórico Construido	84
<i>Honório Tomelin</i>	
• Os Parâmetros da Evolução dos Acordos de Integração Regional	88
The Parameters of the Evolution of the Agreements of Regional Integration	92
Los Parámetros de la Evolución de los Acuerdos de Integración Regional	96
<i>Jorge Luiz Ribeiro dos Santos</i>	
• MERCOSUL versus ALCA: Caminhos da Integração	100
Mercosur versus FTAA: the Paths of Integration	104
MERCOSUR frente el ALCA: Los Caminos de la Integración.....	107
<i>Lamartine Sacramento Filho</i>	
• Desafios e Oportunidades do MERCOSUL: O Caso do Agribusiness	110
Mercosur Challenges and Opportunities the Agribusiness Matter	113
Desafíos y Oportunidades del MERCOSUR el caso del Agribusiness	116
<i>Mauro Borges Lemos</i>	
• A ALCA e o Desenvolvimento Sustentável: Uma Escolha Intertemporal	119
ALCA and the Sustainable Development: an Intertemporal Choice	124
El ALCA y el Desarrollo Sustentable: Una Elección Intertemporal	129
<i>Ricardo Moysés Resende</i>	
• O Brasil no Contexto da ALCA.....	134
Brazil at FTAA Context	137
Brasil en el Contexto del ALCA	140
<i>Vicente Alves Vilaça</i>	